

Linguagem e Africanidades:

a contribuição de termos linguísticos africanos na construção histórica do vocábulo brasileiro

Andreia Sousa da Silva¹

Resumo: Em razão da escravidão dos negros da África no Brasil Colônia, o português falado no Brasil traz inúmeras palavras de origem africana que contribuíram na formação do idioma brasileiro. O presente trabalho tem como objetivos apresentar termos linguísticos que consolidaram historicamente o vocabulário brasileiro, averiguar os empréstimos linguísticos africanos e o seu confinamento, identificar a gênese histórica e a raiz africana da língua brasileira e conhecer o debate atual a respeito da influência das línguas africanas e a história do vocábulo brasileiro. Na obtenção destes objetivos, fez-se necessário o uso de uma metodologia qualitativa, bibliográfica e descritiva. O interesse pelo tema abordado partiu da necessidade de conhecer de fato a contribuição da língua africana na formação do vocábulo brasileiro, uma vez que mesmo com a Lei nº 10.639/2003, que rege a importância do tema para o ensino escolar, e que aborda a discussão sobre a inserção da temática étnico-racial, com ênfase nas culturas afro-brasileira e africana, na formação de professores e no currículo da Educação Básica, é quase deixado de lado essa abordagem em nossas salas de aula.

Palavras-chave: Línguas africanas. Consolidação. Vocabulário brasileiro.

Abstract: Because of the slavery of African blacks in colonial Brazil, the Portuguese spoken in Brazil brings several words of African origin who contributed to the formation of the Brazilian language. This study aims to present linguistic terms that historically consolidated the Brazilian vocabulary, ascertain the African loanwords and its containment, identify the historical genesis and the African roots of Brazilian language and know the current debate about the influence of African languages and the history of Brazilian word. In achieving these goals, it was necessary to use a qualitative, descriptive literature and methodology. Interest in the topic discussed stemmed from the need actually to know the African language of contribution to the formation of the Brazilian word, since even with the Law 10.639 / 2003, which governs the importance of the issue for school education, which addresses the discussion on the inclusion of ethnic-racial theme, emphasizing the african-Brazilian and African cultures, teacher training and basic education curriculum is almost overlooked this approach in our classrooms.

Keywords: African languages, Consolidation, Brazilian vocabulary.

Language and Africanities:

The contribution of African linguistic terms in the historical construction of the Brazilian word

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português - UFPI. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana – NEAD/UESPI. Professora na Educação Infantil e Ensino Fundamental Menor. andreasousa_phb@hotmail.com.

1. Introdução

Não se pode deixar de considerar a atuação dos negros africanos e seus descendentes como falantes e ativamente participantes na edificação da identidade linguística brasileira. Há de se revelar, então, que a língua brasileira é resultado de várias existências, como a dos portugueses, indígenas e não menos importante, a do negro africano, que embora tenha sido trazida nos braços violentos da escravidão, é forte e sólida desde a sua inclusão na predominância cultural do colonizador.

Nesse caso, atenções devem ser dadas às raízes da língua brasileira, tendo como foco as línguas africanas e suas aplicações. Evocando palavras cotidianamente faladas e herdadas dessas línguas, podemos observar as características peculiares de sua construção. Na realidade, uma importância maior deve ser dada à influência histórica das línguas africanas no país.

São com esses argumentos que se teve a pretensão de focar sobre Linguagem e Africanidades: a contribuição de termos linguísticos africanos na construção histórica do vocábulo brasileiro. Permeando essa pretensão, este artigo objetiva apresentar termos linguísticos que consolidaram historicamente o vocabulário brasileiro, averiguar os empréstimos linguísticos africanos e o seu confinamento, identificar a gênese histórica e a raiz africana da língua brasileira e conhecer o debate atual a respeito da influência das línguas africanas e a história do vocábulo brasileiro.

No amparo destes objetivos, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva. Qualitativa pelo benefício previsto de engrandecimento da Ciência da História com o alcance dos objetivos pretendidos. Bibliográfica, pela utilização de textos já publicados a respeito do tema e veiculados em fontes de pesquisas disponíveis. E descritiva, pela descrição fundamentada de seu objeto de estudo, que muito facilitou a sua delimitação.

O interesse da pesquisa partiu da necessidade de conhecer de fato a contribuição da língua africana na formação do vocábulo brasileiro e sua importância, uma vez que mesmo com a Lei nº 10.639/2003, que rege a importância do tema para o ensino escolar, e que aborda a discussão sobre a inserção da temática étnico-racial, com ênfase nas culturas afro-brasileira e africana, na formação de professores e no currículo da Educação Básica, é quase deixado de lado essa abordagem em nossas salas de aula, perpetuando assim um erro grosseiro cometido a

muitos anos de não ensinar aos discentes a real influência do negro na formação da cultura brasileira, bem como sua contribuição para a formação do vocábulo brasileiro.

Logo, a importância pessoal é direcionada à aquisição de um maior conhecimento sobre o tema levantado. Sua relevância profissional tem referência a futuros questionamentos que se confrontam com o assunto e, para que frente a esses, tenha-se um maior respaldo de enfrentamentos.

Sua importância social é a contribuição de uma leitura que, igualmente à própria consolidação do vocábulo brasileiro, tem como maior característica a oralidade de grandes pesquisadores(as) brasileiros(as). Adianta-se que, embora o debate atual se dirija a uma identidade linguística nacional denominada de mestiça, a presença de termos linguísticos africanos que consolidam o vocabulário nacional é ainda muito marcante.

2. A gênese histórica e a raiz africana da língua brasileira

Nas informações de Bonvini (2016, p.15) desde o início do século XIX que a relação entre o português falado no Brasil e as línguas africanas atraíram a atenção dos estudiosos. Nas palavras do autor, essa relação, primeiramente pressuposta, depois afirmada, em seguida matizada ou negada, foi objeto de um vivo debate, desenvolvido sobre tudo no século XX, em termos seja de influência, seja de semicrioulização ou ainda da crioulização.

Bonvini (2016, p.16) ainda rever que, na maioria das vezes essa relação foi concebida unidirecionalmente, partindo das línguas africanas para o português, considerando-se as primeiras quase especificamente em relação à língua portuguesa que, “ademais sob um ângulo pejorativo, como um fator principalmente danoso, suscetível de trazer prejuízos a integridade da língua herdada desde a época dos descobrimentos no século XV”.

Nesse ponto há de se asseverar que o debate evidenciado pelo autor trata-se de um dos principais objetivos desse enfoque, que será visto com mais ênfase no seu decorrer. Entretanto, a busca de uma melhor compreensão desse debate, necessário se faz considerar suas denotações históricas, a crença pela participação indígena como primeira língua essencialmente nativa brasileira, frente à História.

Borba (2016, p.230) referindo-se à matriz indígena da língua brasileira, lembra que na vinda dos portugueses em 1500 houve o batismo dos índios como sendo os habitantes do Brasil. Para o autor a aprendizagem da língua dos índios teve o objetivo de “converte-los ao

cristianismo”. Na realidade inicia-se a trajetória de dizimação dos índios brasileiros e de suas línguas, iniciada pelos primeiros colonizadores portugueses e que prosseguiu por muitos anos.

A autora, relata que um dos modos empregados pelos colonizadores portugueses para dominar os indígenas foi a catequização realizada pelos padres das Companhias das Índias. Esses padres eram jesuítas e, como informa Mattos e Silva (2004, p.77) “tinham como princípio de catequese usar as línguas da terra em que chegaram”, sendo parte de seus programas catequéticos no Brasil, o domínio da(s) língua(s) local(is). Nesse sentido Rodrigues (1998, p. 99-101) já observou que:

A língua dos índios Tupinambá era falada no século XVI sobre uma enorme extensão da costa atlântica (do litoral de São Paulo ao litoral do nordeste). Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, o Tupinambá foi chamado também de língua do mar (isto é a língua falada na costa, junto ao mar) e língua *brasílica*, tornando-se uma das línguas mais difundidas durante o período colonial.

Nesse âmbito Borba (2016, p.232) acrescenta o fato de que os jesuítas empenhados na catequese elaboraram gramáticas e dicionários das línguas utilizadas entre os índios, portugueses e seus descendentes, bem como em 1595, o padre jesuíta José de Anchieta publicou a primeira dessas obras, denominada “Arte de Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil”. Também, há de se concordar com a autora quando diz que “o ambiente linguístico do Brasil colonial foi marcado pelo multilinguismo generalizado”.

Borba (2016, p. 232) também revela outro aspecto merecedor de atenção que “falantes africanos e descendentes também utilizavam as línguas gerais”. Entretanto, por intermédio do Decreto do Marquês de Pombal, em 1757, denominado Lei do Diretório, foi instituída obrigatoriamente a Língua Portuguesa no Brasil, com a expulsão dos jesuítas, “um dos alicerces do uso e da difusão das línguas gerais”.

No relato da autora é esclarecido que a imposição da língua portuguesa com esse decreto tratou-se de umas das medidas que tinham como objetivo:

Contar com uma população nascida no Brasil *identificada com os objetivos lusos*, o que asseguraria o *controle de vastas regiões semidespovoadas*. A expulsão dos padres jesuítas foi uma medida importante para Portugal, pois os jesuítas constituíam áreas de atuação autônoma cujos fins eram diversos dos objetivos da coroa. Pode-se dizer que enquanto a finalidade dos jesuítas era *catequizar* por meio da língua geral, a finalidade da coroa era *colonizar* sob o argumento de *civilizar* por meio da linguagem: o uso da língua portuguesa. O decreto que impõe o uso da língua portuguesa associado a outras medidas políticas – houve também as econômicas – mostra claramente como a ideia de

língua nacional neste ato se relaciona com a ideia de *civilização*. (FAUSTO, 1995).

Ainda, fundamentando-se nas denotações de Borba (2006, p. 232), pode-se dizer que esse processo histórico e político de construção da língua utilizada no Brasil de hoje, a predominância de termos linguísticos indígenas “se apresenta como um de nossos traços característicos”, citado como exemplos os nomes de frutas (caju, pitanga) e de animais encontrados nos países (jararaca, urubu e sabiá) aliados a outros termos de uso cotidiano em linguagem contemporânea, cuja gênese é indígena, caso de piracema, pororoca, igarapé, catapora, curupira, arapuca e outros. Vale também anotar alguns dos topônimos, entre eles: Goiás, Maranhão, Piauí, Paraná, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Niterói, Corumbá.

Diante da matriz africana Yoshino et Al (2016, p.07) revela que a vinda do negro para o Brasil encontra-se especialmente identificada com o problema da mão-de-obra utilizada pela Coroa Portuguesa da colônia. Na realidade:

Para tirar o máximo de lucro e contornar sua escassez populacional, a Coroa portuguesa precisou recorrer ao trabalho escravo. Diante da falta de mão-de-obra para a exploração econômica de um território imenso como o Brasil, a primeira saída encontrada pelos colonizadores foi a escravização dos indígenas. Mas esse modelo teve curta duração. A partir de 1550, a mão-de-obra indígena foi substituída pela do negro africano. Economicamente mais interessante, o negro permitia lucros muito maiores aos portugueses, que ganhavam com o tráfico de escravos da África.

Nesse sentido, Borba (2016, p. 233) noticia que, a partir do início da colonização brasileira, por volta de 1500 até o final do tráfico de escravos africanos em 1850, atravessaram o atlântico em direção ao Brasil cerca de 5 milhões de indivíduos vindos de diferentes regiões da África na condição de escravizados, falantes de diversas línguas (aproximadamente 300).

Para a autora, embora os indígenas tenham sido os primeiros povos escravizados no país no período da colonização, foram os africanos e seus descendentes que representaram a mão de obra escrava por excelência, utilizada nas atividades produtivas, na prestação de serviços rurais e urbanos até a extinção do sistema escravocrata em 1888.

E é a respeito dos empréstimos dessas línguas africanas como uma das raízes da língua brasileira que se reportarão denotações a seguir, tratando-se das bases de construção no alicerce dos objetivos deste artigo.

2.1. Os empréstimos linguísticos e o seu confinamento

Nas informações de Yoshino et al (2016, p. 3) é visto que no decorrer do estabelecimento da população africana no Brasil, “foram constituídas duas línguas gerais dos negros: o Nagô ou Iorumbá na Bahia e o Quibundo nas outras regiões, observando que o quimbundo foi o mais utilizado por uma maior quantidade de indivíduos em uma também maior área geográfica, “e por isso um vocábulo mais expressivo”. Entretanto segundo as autoras, “a falta de reflexão” é uma característica entre essas duas línguas.

Em termos históricos, Borba (2016, p.236) lembra que por intermédio da conquista territorial relacionada aos ciclos econômicos “pelos quais o país em formação foi passando, a língua falada pela população negro-mestiça foi chegando aos diversos cantos do território”. Para o autor “o componente negro-mestiço foi o principal agente propagador da língua utilizada no país”. Aliado a isso ele esclarece:

Dentre as línguas africanas que influenciaram o português brasileiro, a influência banta é a mais profunda em decorrência da antiguidade do povo banto – chamado também de congo-angola – no Brasil, da grande quantidade de indivíduos trazidos à força dessa região africana e da amplitude da distribuição desse povo em território brasileiro. Grande parcela dos falantes de línguas banto no Brasil utilizavam, sobretudo, três línguas angolanas: *quicongo*, também falada no Congo, *quimbundo* e *umbundo*.

Neste ponto, Yoshino et Al (2016, p.03) relata que no Brasil, o povo banto ficou conhecido por nomes muito amplos, em especial congos e angolanos, observando que nos países do Congo e da Angola “existem inúmeras etnias e lugares, o que dificulta a precisão de suas origens”, bem como as línguas da região banto são compostas por um grupo de mais de 500 línguas semelhantes, faladas em 21 países da África subequatorial”.

Diante dos empréstimos linguísticos de matiz banto, Borba (2016, p. 237) revela que os vocábulos banto, bantuísmo “estão associados ao regime de escravidão”, caso de senzala, mucama, mucambo, com a maioria deles “integradas ao sistema linguístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto”, a exemplo de ensolarado, dengoso, sambista, xingamento, molequeiro, caçulinha, quilombola, demonstrando “uma antiguidade maior”.

Na continuidade de suas revelações, Borba (2016, p. 237) salienta que em determinados casos os empréstimos linguísticos de origem banto substituem o similar em português, embora

quando falado não seja parecida a origem africana da palavra, sendo destacado o uso da palavra caçula por ser muito utilizada pelos brasileiros em referência ao filho mais novo. Nas palavras das autoras:

Essa influência também explicaria a razão de ser do ditado “o caçula é o dengo da família”, ou seja, ‘o filho mais novo é cheio de manhas, recebe mais atenção’. Na frase, merece destaque também o vocábulo de origem banta dengo do quicongo/quimbundo, ndenge > dengue que entre outras acepções significa “manha, criancice, cólera infantil”. No Brasil, a variante dengue é utilizada também com outra acepção: “doença transmitida por insetos”. Ambas as variantes (dengo e dengue) são termos do português brasileiro cuja descendência é da língua banto. Borba (2016, p. 237)

Evidentemente que existem outros aportes bantos à língua falada no Brasil. Frente às línguas e povos oeste-africanos no Brasil, Yoshino et Al (2016, p0 4) notificam que:

A África Ocidental se caracteriza por um grande número de línguas tipologicamente muito diferenciadas e faladas em uma região geográfica menor, porém mais densamente povoada do que aquela onde o tráfico se estabeleceu no domínio banto. Seus territórios compreendem os seguintes países: Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Libéria, Burkina-Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benim e Nigéria. Dentre os povos trazidos dessa região, destacam-se, pela superioridade numérica em relação aos demais oeste-africanos, os da família lingüística kwa. As línguas que se mostraram mais significativas no Brasil foram as do grupo ewe-fon, principalmente a iorubá. Iorubá é uma língua constituída de vários falares regionais, pouco diferenciados. Chamados de “*anàgó*” pelos seus vizinhos, termo por que ficaram genericamente conhecidos no Brasil como *nagô*.

Nesse âmbito, considerando o elemento humano negro-mestiço como o principal propagador da língua utilizada no país, ou seja, seus empréstimos lingüísticos, Borba (2016, p. 236) enfatiza que os indivíduos africanos que “foram trazidos à força durante três séculos para o Brasil eram falantes de línguas africanas e aqui foram obrigados a aprender o português como segunda língua sem nenhuma instrução formal”.

Há de se revelar que, embora as línguas africanas tenham dado sua contribuição à língua falada no Brasil, Bonvini (2016, p.50) assegura que no século XX, tais línguas ficaram confinadas, em razão dos dois grandes acontecimentos que caracterizaram historicamente o século XIV, “o primeiro, a abolição da escravatura em 1988, depois, a nova

distribuição econômica apresentada pela cultura do café que levou a uma redistribuição geográfica da massa dos ex-escravos e de seus descendentes”.

Evidenciando, Bonvini (2016, p.50) afirma que a abolição da escravatura provocou como resultado quase imediato:

o declínio progressivo e, finalmente, a extinção da maior parte das línguas africanas que estavam ligadas até então à escravidão e que tinham sido regularmente alimentadas, durante mais de três séculos, por um aporte maciço de escravos em zonas geográficas bem definidas, geralmente delimitadas pelo tipo de produção econômica: cana de açúcar, tabaco, mineração.

Na continuidade de sua afirmação Bonvini (2016, p.50) esclarece que nessas áreas geográficas especificadas determinadas línguas, caso do quimbundo e do iorubá, “tinham-se sucedido, ao longo do tempo, sob a forma de línguas veicular (língua geral)”. Segundo o autor, tal fato permitiu, “ao mesmo tempo, que o português coexistisse com as línguas africanas, ao longo dessa sucessão, sob a forma de alternância de códigos”.

Quanto ao segundo acontecimento, relacionado à cultura do café, é asseverado que essa nova conjuntura econômica, “operou igualmente uma mutação linguística”. Isto é:

De um lado, a utilização da língua portuguesa estendeu-se a toda a população negra e, além disso, ao impor-se no dia-a-dia, pôs fim à alternância inicial e secular de códigos entre a língua portuguesa e as línguas africanas. De outro lado, as antigas línguas, principalmente as veiculares (quimbundo, “mina”, iorubá) foram confinadas a um uso “interno”, específico de uma determinada população, como ferramentas de preservação identitária, de autodefesa e de sua afirmação como grupo. Elas foram “refuncionalizadas” como línguas de especialidade num contexto de clandestinidade, aprendidas ou transmitidas, seja sob a forma de línguas culturais reservadas aos cultos ditos afro-brasileiros, seja sob a forma de línguas “secretas”.

Nessa linha de pensamento, Bonvini (2016, p.51) também relata que as línguas culturais, desde o século XIX foram utilizadas nos cultos ditos afro-brasileiros, sendo difícil o acesso as mesmas no candomblé devido “serem reservadas, no mais das vezes, aos iniciados”, servindo de apoio ao ritual por intermédio de “cânticos, saudações, nomes-mensagens de iniciados.

Destinam-se também à comunicação no interior da comunidade cultural. Já na umbanda, são bastante próximas do português brasileiro dito popular, mas demarca-se dele por seu próprio vocabulário, por seu semantismo e por marcas morfossintáticas, segundo a entidade espiritual

que a utiliza. Para o autor sendo presumidas que são proferidas por entidades recebidas por um médio em período de transe, “a pesquisa sobre essas línguas torna-se ainda mais difícil”.

Aliado a isso, Bonvini (2016, p.51) pronuncia que as línguas secretas são aquelas “utilizadas pelas populações negras isoladas, constituídas geralmente de descendentes de antigos escravos, e as vezes, de antigos quilombolas”. De acordo com o autor, são línguas “emblemáticas como núcleos de “resistência” cultural negro-africana e foram assinaladas em diversas localidades de Minas Gerais.

Como se vê o português falado no Brasil recorreu a empréstimos linguísticos africanos que, passados por inúmeras circunstâncias no decorrer da história do país, permaneceu como termos linguísticos que consolidaram o vocábulo brasileiro, assunto a ser visto com mais ênfase a seguir.

3. A exposição de termos linguísticos africanos na consolidação histórica do vocabulário brasileiro.

Antes da demonstração de determinados termos linguísticos africanos que consolidaram historicamente o vocábulo brasileiro, se faz necessário observar o que preconiza Bonvini (2016, p. 53) quando relata que todas as línguas africanas aportadas no Brasil, “foram, na verdade, línguas retiradas de seu nicho ecológico, submetidas a diversas rupturas – fonológicas, morfossintáticas e semânticas –, niveladas pela ausência de variantes dialetais e confrontadas com novos contatos linguísticos”.

Nesse ponto convém anotar as categorias de dados coletados por Alkmim e Perter Apud Borba (2016, p. 245-246) que mostram em sua análise os níveis de integração de vocábulos africanos à língua falada no Brasil frente à estabilidade e o dinamismo de palavras de origem africana nos dias de hoje, ao acompanharem o registro dos vocábulos em dicionários e obras publicadas entre os séculos XIX e XXI. Antes disso é oportuno observar que as pesquisadoras evidenciaram a permanência e possíveis modificações de significados dos vocábulos a seguir apresentados, bem como os mesmos foram avaliados em sua integração e vitalidade no português falado no Brasil, bem como constatam sua historicidade. Eis os vocábulos considerados em categorias pelas autoras evidenciadas, nas tabelas 01, 02 e 03.

Categoria 1: inclui termos que podem ser usados em qualquer interação social, contrastando com outras duas categorias.

abadá – ‘túnica’, ‘traje para o carnaval, uniforme de um grupo’

banzo – ‘tristeza’, ‘saudade de pessoas e lugares familiares’
caçamba – ‘depósito de lixo’ e ‘carroceria de caminhão’
cachaça – ‘aguardente’, ‘pinga’
cachimbo – ‘aparelho para fumar’
caçula – ‘filho mais novo’
candango – ‘trabalhador que construiu Brasília’
canga – ‘instrumento para prender o pescoço dos animais’
capanga – ‘bolsa’ e ‘guarda costas’
carimbo – ‘marca e instrumento para marcar’
caxumba – ‘parotidite’
cochilar – ‘dormitar’
corcunda – ‘corcova, giba’
dengo – ‘manha, comportamento infantil’, ‘meiguice’
fubá – ‘farinha de milho’
gibi – ‘revista em quadrinhos’
macaco – ‘símio’
maconha – ‘droga’
macumba – ‘feitiço’, ‘prática de feitiçaria’
marimbondo – ‘vespa’
miçanga – ‘conta de vidro’
molambo – ‘pedaço de pano velho, rasgado’; ‘trapo’
moleque – ‘menino’
moringa – ‘bilha’
quilombo – ‘refúgio de negros fugidos’
quitanda – ‘lugar de venda de frutas e legumes’
quitute – ‘iguaria fina’
senzala – ‘habitação de escravo’
tanga – ‘peça reduzida de vestuário’ e ‘vestuário feminino de banho’
xingar – ‘ofender com palavras’

Categoria 2: Constituída de termos informais, de uso coloquial que, eventualmente, dependendo da situação, são substituídos por outros. Podem modificar-se mais rapidamente para atender a necessidades expressivas particulares.

bamba: ‘exímio’, ‘hábil’
bambambã – ‘o mais entendido’, ‘o especialista’
banguela – ‘desdentado’, ‘falta de dente’
cafuné – ‘carinho feito na cabeça com a ponta dos dedos’
catimba/catimbeiro – ‘manha’, astúcia’
catinga - ‘mau cheiro’
mandinga – ‘feitiço’
muamba – ‘contrabando’
muxoxo – ‘gesto de desdém com estalo de língua no céu da boca’

Categoria 3: em que constam termos marcadamente informais, de uso restrito.

angu – ‘confusão’
babaca – ‘bobo’
babau – ‘acabou’
biboca – ‘habitação ou local ruim’
bunda – ‘nádegas’
cafofo – ‘esconderijo’
cafundó – ‘lugar muito distante’
cambada – ‘bando de vagabundos, corja’
cucuia – ‘malogro, acabou!’
muquifo – ‘habitação muito ruim, precária, suja’, ‘biboca’
muquirana – ‘avarento’, ‘pão-duro’
muvuca – ‘confusão, algazarra, mistura de coisas ou de pessoas’
muxiba – ‘pelanca’
quizumba – ‘confusão’
sacana – ‘mau caráter’
ziquizira – ‘azar’; ‘doença indefinida’
zumbi – ‘alma penada’, ‘mal dormido’

Nesse âmbito, historicamente Bonvini (2016, p. 54) referindo-se aos empréstimos lexicais africanos, revela: “qualquer que seja seu número (estimativas recentes avaliam-nos em

mais de 3000), as palavras de origem africana são claramente em menor número do que as de origem indígena (tupi-guarani). E adverte:

Uma verdadeira análise sistemática e paralela dos dois tipos de empréstimos nunca foi feita e, no entanto, ela aportaria um importante esclarecimento sobre os contatos das línguas do período da escravidão e, finalmente, sobre a identidade lexical do português falado atualmente no Brasil. Além disso, tendo a integração dos termos de origem africana sido feita em épocas diferentes, é inexato colocá-los todos no mesmo plano. Alguns desses empréstimos foram, aliás, integrados ao português numa época anterior a seu emprego brasileiro e suas formas atuais, ao figurar no português atual do Brasil, permitem caracterizá-los como pertencentes a uma segunda geração de empréstimos. A primeira, que é também a mais próxima da língua-fonte, encontra-se já, por exemplo, no português falado em Angola no século XVI e no começo do XVII.

Evidentemente que não se pode negar a existência de termos linguísticos africanos na consolidação histórica do vocabulário brasileiro, embora tenha sido praticados mais em linguagem oral. Sobre a importância da linguagem oral africana, Gilberto Freyre em uma entrevista à revista Play Boy relata sobre a relevância das histórias que uma negra por nome Isabel lhe contava quando menino, como podemos comprovar nos trechos abaixo:

playboy – *o senhor disse certa vez que na formação de seu estilo literário devia muito a uma negrinha chamada Isabel. O que devia a ela realmente?*

freyre – bem, isabel foi uma dessas empregadas domésticas que acabam se tornando pessoas da família. Ela se tornou de uma simpatia especial por mim. E eu, que na época era bem menino, sentia o mesmo por ela. Tanto que já admiti que isabel talvez tenha sido meu primeiro amor...

playboy – *qual era a diferença de idade entre vocês?*

freyre – eu era menino e ela já era uma mocinha, pretinha, dentes muito bonitos, olhos muito bonitos... e era uma grande contadora de histórias que me empolgavam. Sabe, a grande influência que ela teve sobre mim está ligada ao fato de que eu custei muito a aprender a ler e escrever. Só aprendi aos 8 anos. As histórias que ela me contava lendas e mitos, a bela adormecida do bosque, anões e gigantes... tudo isso contado de uma maneira que revelava nela uma artista anônima, porque sabia dar valor às palavras... tudo isso, repito, supriu em mim a falta de leitura. Eu não sentia necessidade de aprender a ler e repelia todos os esforços para me ensinarem. De modo que foi grande a influência de Isabel sobre mim, sobre o meu estilo, porque ela me deu gosto pela oralidade, pelo escrever falado, pela palavra viva.

Segundo Bonvini (2016, p. 57) “somente o quimbundo teve escrita e foi gramatizado e, num grau menor, também a língua “mina”. Entretanto, mesmo na falta da escrita e da gramatização, ao vir da África, as línguas africanas já conheciam uma determinada linha de códigos relacionada ao uso da fala.

Nesse contexto, a título de preservação, esta autora elaborou um diálogo integrando níveis de vocábulos africanos que pode ser visto historicamente sem a percepção da origem africana no português falado no Brasil.

- Você ainda é o *caçula*. Precisa ler gibi e ainda é o *dengoso* da casa
- Mas não sou *moleque*! Também tenho direito a ter um *abadá* no carnaval já que minha irmã está aí de *tanga*.
- Sem *xingar*, vocês podem dizer para essa *maluca* que eu fico na quitanda.

Como se vê, são vocábulos usados cotidianamente e que não são percebidos conscientemente em sua origem africana. Há termos que até permitem uma confusão, se comparados aos indígenas.

4. O debate atual

Nas considerações de Bonvini (2016, p. 16) foi somente na metade do século XX “que o problema da influência das línguas africanas no português falado no Brasil é claramente enunciado”. Isto é, esse debate passou por uma “série de deslocamentos temáticos”. Na realidade:

Num primeiro momento, passou-se do problema da “língua brasileira” para o da “língua portuguesa”. Num segundo, abandonou-se o tema da “influência africana” a fim de concentrar-se no da “crioulização”. Finalmente, por volta do fim do século, sobretudo no Brasil, contestou-se a existência de um processo de crioulização e optou-se seja por uma “deriva trazida da Europa”, seja por uma situação resultante de um emprego oral.

De acordo com o autor, o debate atual leva a refletir a respeito do conhecimento e valorização da formação e da constituição do português falado no Brasil, sendo um significativo elemento de afirmação da identidade brasileira que, segundo Borba (2016, p. 252) é “mestiça,

que é fruto dos (des)encontros entre índios, portugueses, africanos e toda a gama de seus descendentes”

Nesse sentido, Castro (2005, p. 73) refletindo sobre esse debate contemporâneo frente à língua e identidade nacional, salienta que povos indígenas e povos negros “constituíram junto com a cultura do colonizador português, que se estabeleceu no Brasil, uma nova variação da língua portuguesa: mestiça, brasileira”. Logo:

o português do Brasil, naquilo que se afastou do português de Portugal é, historicamente, o resultado de um movimento implícito de africanização do português e, em sentido inverso, de aportuguesamento do africano sobre uma matriz indígena pré-existente e mais localizada no Brasil.

Há de se ressaltar que, embora o debate atual tenha como pauta o revelado pelos autores acima transcrito, não há como deixar de agradecer as línguas africanas consideradas consensualmente como línguas orais responsáveis pela consolidação histórica do vocabulário brasileiro, embora se saiba que sem a presença do índio e do europeu, elas não teriam tido evoluções e chegariam à constatação de tal fato.

5. Conclusão

Não é uma tarefa fácil adentrar-se nos caminhos percorridos pela atuação do negro africano e seus descendentes como indivíduos falantes e participantes na edificação da identidade linguística brasileira. Primeiro, em razão de sua própria língua já ter aportado no país como língua “escrava” sem direito a voz. Segundo, em razão do perpassar histórico e de sua veiculação, quase que exclusivamente oral, estar atualmente existindo no vocabulário brasileiro.

A exemplo podemos citar a palavra moleque, palavra de origem banta, cuja compreensão por intermédio do decorrer do tempo foi vernacularizada como sendo menino, garoto, rapaz. E quem já não ouviu ou disse moleque com reflexos dos mais diversos e múltiplos significados. Em outras palavras, a existência de termos linguísticos africanos que consolidaram o vocabulário brasileiro, seria necessário um dicionário a respeito dos mesmos. Lembrando que tais termos são vistos e constatados na língua brasileira cotidianamente.

Quanto ao conhecimento do debate atual a respeito da influência das línguas africanas e a consolidação do vocabulário brasileiro é possível reconhecer que, embora este debate tenha concentrado suas pautas na origem de seus feitos como sendo os (des)encontros entre índios, portugueses e todo o rol de seus descendentes, não se pode deixar de considerar a relevância significativa das línguas africanas e seus termos.

Em relação aos empréstimos linguísticos e o seu confinamento há de se observar que, por intermédio de circunstâncias históricas, tais empréstimos só puderam ser transmitidos oralmente. Daí o seu confinamento ser restrito às práticas religiosas, apesar de há muito já difundidos e consolidados no vocabulário da língua brasileira, como visto no decorrer do trabalho.

Diante da identificação da gênese histórica e a raiz africana da língua brasileira, há de se concordar com o dito de que o filho brasileiro deve pedir a benção à mãe África, visto a importância das línguas africanas na construção do vocábulo brasileiro, pois sem a presença do negro africano no país, não se poderia pensar na existência de um “moleque”, seja ele brasileiro ou não.

Referências

- ALKMIM, Tânia; PETTER, Margarida. **Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje**. In: FIORIN, José Luiz e PETTER, Margarida. (org) *África no Brasil, a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto. 2008.
- BONVINI, Emílio. **Línguas africanas e o português no Brasil**. Disponível em<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/dissertacao/Aslinguas_escravos_brasil.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- BORBA, Lilian Rocio. **Linguagem e sócio-história afro-brasileira: desafios à formação continuada**. Disponível em<<http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/282>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.
- NOBLAT, Ricardo. **Entrevista Gilberto Freyre**. Disponível em<http://www.oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2006/12/129_gilberto.doc>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares africanos na Bahia**. (Um vocabulário afrobrasileiro). 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks. 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Edições Loyola. 1986

YOSHINO, Julia T. et al. **A influência das línguas africanas no português do Brasil.** Disponível em <http://www.usp.br/cje/entretextos/exibir.php?texto_id=90> Acesso em: 10 jun. 2016.

Recebido em: 23 de julho de 2016.

Aprovado em: 02 de janeiro de 2017.